

RACISMO CAMUFLADO NA “FAMÍLIA FERROVIÁRIA”: BRANCOS E NEGROS NA COMPANHIA PAULISTA EM SÃO CARLOS

Lania Stefanoni Ferreira¹

Resumo: Este artigo é fruto da minha dissertação de mestrado que tem como tema o estudo das relações entre trabalhadores brancos e negros da Companhia Paulista de Estrada de Ferro entre 1930 e 1961. Seu objetivo é entender como era a convivência entre esses dois grupos, como eles construíram suas identidades no cotidiano de trabalho e a existência ou não de desigualdades raciais. Para realizar este estudo foram entrevistados vinte trabalhadores aposentados da Companhia Paulista que residem na cidade de São Carlos.

Palavras-chave: memória, identidades, desigualdades raciais, trabalhadores da ferrovia.

INTRODUÇÃO

A presença de imigrantes no Brasil pode ser notada desde a época de seu descobrimento. Porém, a imigração torna-se um fenômeno de massa entre os anos 1887 e 1902. A ferrovia surge no Estado de São Paulo sob o propósito de facilitar o transporte do café do interior do Estado para o litoral. Com ela as relações de produção se modificam, passando a incluir a relação patrão e empregado e a introdução de um proletariado concentrado em grandes empresas.

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. Professora da Fundação Educacional de Fernandópolis FEF. Avenida Teotônio Vilela, S/Nº Campus Universitário, Caixa Postal 120 – CEP 15600-000, Fernandópolis, SP.

O município de São Carlos era um grande produtor de café. Isso exigia o escoamento mais rápido da produção, o que só foi possível com a ferrovia que já havia chegado até Rio Claro em 1876 e a idéia era seguir direto para Riberão Preto sem passar por São Carlos. Mas fazendeiros da cidade, liderados pelo Conde do Pinhal, empenharam-se em trazer a ferrovia para São Carlos. Esta cidade também esteve entre os três municípios do interior paulista que mais imigrantes recebeu.

A necessidade de trabalhadores para a construção da ferrovia atraiu os imigrantes, em maior número, outros grupos, dentre esses, os negros libertos, como mão-de-obra. Nesse ambiente, os imigrantes teceram relações sociais com os negros e em consequência disso, novas identidades raciais foram construídas.

O presente artigo estuda as relações sociais e as formas de discriminação e preconceito existentes entre brancos (descendentes de imigrantes) e negros que trabalharam na ferrovia em São Carlos no período de 1930 a 1961. O objetivo é entender a construção de identidades, a interação e a existência ou não de “fronteiras” entre esses dois grupos. Esta cidade torna-se interessante para a pesquisa, por reunir os três fenômenos básicos de interesse: um número significativo de negros que trabalharam nas lavouras de café do município antes da abolição, grande número de imigrantes que para cá vieram e a construção da estrada de ferro em 1884 na cidade. Mesmo a abolição não coincidindo exatamente com a chegada da ferrovia, muitos dos negros, que permaneceram na cidade, depois de libertos, foram trabalhar na construção dos ramais que saíam de São Carlos, na manutenção e funcionamento da estrada de ferro, sendo incorporados à mão-de-obra assalariada².

² Segundo Monsma (2004), o censo de 1907 de São Carlos demonstra que a maioria dos trabalhadores da Companhia Paulista era portugueses e brasileiros brancos nessa época. A inserção de negros, como trabalhadores nessa companhia, dá-se nas décadas subsequentes e, a partir daí, a ferrovia constitui-se como via de mobilidade para vários trabalhadores negros.

Ao consultar a lista dos sócios do sindicato ferroviário em São Carlos pude perceber a presença de brancos, filhos de imigrantes e de negros como trabalhadores desta companhia. Primeiramente pareceu-me mais apropriado entrevistar apenas dez pessoas de cada grupo devido ao tempo que se tem para fazer o mestrado e também porque o objetivo era realizar as entrevistas em profundidade, ou seja, estabelecer uma relação de confiança e respeito com os pesquisados.

Os períodos abordados são as décadas de 1930 até 1960. O ano limite é 1961, pois, a partir daí a Companhia Paulista de Estradas de Ferro passa por várias greves e quem assume o controle da companhia é o Estado de São Paulo. Os entrevistados, portanto, são essencialmente trabalhadores da Paulista. Alguns deles também trabalharam na companhia quando esta passou para o controle do Estado, mas as entrevistas visam o período em que a companhia era uma empresa particular.

Assim, este artigo baseado na minha dissertação, trata do tema relações raciais dentro de um grupo que possuía uma forte identidade coletiva. Ser ferroviário no Brasil na década de 1930 a 1960 era um privilégio. Esta classe de trabalhadores foi uma das primeiras a se organizar em sindicatos. Mesmo assim, a divisão racial, como pretendo mostrar, permanecia. Os negros entrevistados muitas vezes sentiam o preconceito no cotidiano de trabalho, mas não diziam, fazendo com que o racismo continuasse a se apresentar de uma maneira "sutil". Neste contexto o uso da memória, ou seja, dos relatos orais dos entrevistados, foi muito importante, pois, foi por intermédio dessa metodologia que foi possível captar o que até então não era explícito, ou era até mesmo indizível.

O indizível foi dito na maneira de como cada entrevistado negro sentiu o preconceito e se calou. Ninguém a não ser os próprios trabalhadores negros pôde compartilhar essa experiência. Essa memória, que somente depois manifesta certas coisas, está fortemente relacionada à história e ao tempo. Tanto fatos quanto representações convergem na

subjetividade dos seres humanos e são envolvidos em sua linguagem. Essa interação representa o campo específico da história oral, que é contabilizada como história com fatos reconstruídos, mas também com a característica de ser uma prática de campo dialógica na confrontação crítica da alteridade dos narradores a entender as representações.

Pode-se dizer que na interação de negros e de brancos na ferrovia estavam presentes as memórias coletivas dos trabalhadores da Companhia Paulista, que naquela época se intitulavam uma “família”, e a memória individual de cada trabalhador. Os comportamentos e os valores que interessavam à pesquisa puderam ser encontrados na memória individual dos senhores aposentados. Mesmo eles não vivenciando mais a organização de trabalho de que participaram no passado, foi possível conhecer parte do que existia anteriormente por meio dos seus relatos orais, que esclareceram como eram as relações dos indivíduos naquele contexto da ferrovia e também como eles construíram suas identidades.

Além da identidade de cada entrevistado (branco e negro), existia a identidade da classe ferroviária muito marcada por uma idéia de família. Como já foi dito, ser ferroviário naquela época era um orgulho, significava pertencer a uma classe que tinha um emprego estável e digno. Por isso muitas vezes a identidade étnica e racial dos brancos e dos negros estava “camuflada”. Logo, foi preciso fazer parte do mundo de cada entrevistado no presente, estabelecer uma relação de confiança e proximidade, para que eles deixassem aflorar suas identidades.

A fim de entender melhor como eram essas relações raciais entre trabalhadores brancos e negros na ferrovia, este trabalho também conta com uma discussão a respeito de desigualdades raciais no Brasil. O primeiro autor abordado é Florestan Fernandes (1978). Para este autor a desigualdade racial no Brasil está relacionada ao meio social anômico imposto pelos escravocratas, no qual os escravos foram “mutilados”, quebrados os laços familiares; e também ao legado escravista brasileiro

que somente seria superado com o desenvolvimento industrial e tecnológico do país.

George Reid Andrews (1998), o segundo autor, acredita que as desigualdades raciais brasileiras relacionam-se à herança escravista, às interações entre patrões e empregados e ao Estado republicano, que em um primeiro momento enfraqueceu a capacidade dos ex-escravos de negociação, quando inundou São Paulo de imigrantes.³

Para Andrews (1998), os imigrantes ao chegarem, excluíram os negros da experiência de trabalho pós-abolição ocupando suas posições no mercado de trabalho. Mas, depois de um tempo, quando os imigrantes começaram a fazer exigências trabalhistas, retomou-se a mão-de-obra negra, porém de uma maneira subordinada ao mercado de trabalho braçal. O intervalo no uso de trabalhadores negros privou estes trabalhadores da experiência de renda e trabalho; assim, segundo Andrews (1998), quando os negros retornaram, foram ocupar cargos subalternos, o que reforçou suposições raciais relacionadas a eles.

Já para Hasenbalg (1979), as desigualdades estão relacionadas às tendências que existiam para desqualificar os não brancos na competição pelas posições de trabalho mais almeçadas, que resultavam do desenvolvimento capitalista e da diferenciação da estrutura de classe. Ele entende que a discriminação e o racismo no pós-abolição são as principais causas da subordinação social dos não brancos e seu recrutamento a posições sociais inferiores. O preconceito e a discriminação surgiram, assim, em função dos interesses materiais e simbólicos do grupo dominante branco durante o período posterior ao fim do escravismo.

³ São Carlos porém, não se pode dizer que os negros foram totalmente excluídos do colono. Monsma (2004) demonstra que nesta cidade, segundo o censo de 1907, muitos negros continuaram trabalhando nas fazendas, na qual os imigrantes se concentravam, aumentando, assim, as chances de interação dos dois grupos por estarem misturados no cotidiano de trabalho.

O último autor abordado, Guimarães (2002a,b), acredita que as desigualdades raciais no Brasil relacionam-se a restrições fatuais da cidadania, devido à imposição de distâncias sociais criadas por diferenças enormes de renda e educação e, devido à desigualdades sociais que separam brancos de negros, ricos de pobres. O racismo se perpetua pela contradição de uma cidadania definida, por um lado, e, por outro, uma cidadania cujos direitos das pessoas são ignorados.

A importância desta pesquisa está no fato de problematizar o tema das relações interpessoais entre os trabalhadores da ferrovia em São Carlos, ou seja, de proporcionar o conhecimento de relações raciais, preconceito e discriminações presentes no cotidiano de brancos e negros em um grupo com uma forte identidade coletiva e também demonstrar como a memória está associada à organização social da vida de uma pessoa.

O CAMPO E OS MÉTODOS

A pesquisa de campo começou com a escolha dos nomes, em ordem alfabética, dos vinte entrevistados. Para escolher os nomes utilizei a listagem dos sócios do sindicato de São Carlos. Escolhidos os entrevistados, entrei em contato com cada um explicando do que tratava a pesquisa e para saber se havia interesse da parte deles em conceder as entrevistas, a maioria aceitou logo o convite, as poucas recusas foram justificadas por falta de condições físicas e mentais de alguns.

O uso da história oral, melhor dizendo, de relatos orais como principal metodologia possibilitou o conhecimento e a reflexão do que se queria investigar na voz dos próprios protagonistas do tema em questão. A história oral é importante pelo papel que exerce na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais. Para Queiroz (1988, p.16) o relato oral sempre foi uma fonte humana de conservação e difusão do saber, o que vale dizer uma fonte de dados para as ciências

em geral. Segundo a autora, o relato oral está presente na obtenção da informação e conservação do saber.

Paul Thompson (1992) diz que é preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos; ao se investigar a memória, fatos coletivos podem ser evidenciados. Para Ecléia Bosi (1994, p. 21), a velhice é uma categoria social. Por meio dos velhos, um mundo social que possui riqueza e diversidade pode ser descoberto quando são regatadas suas memórias.

O mérito da história oral não é de trazer em si, necessariamente, esta ou aquela postura política, mas sim de levar a tomar consciência que a reconstrução da memória se exerce, inevitavelmente, dentro de um contexto social e que tem implicações políticas (Thompson, 1992). A memória coletiva é formada a partir de laços de convivência familiares, escolares e profissionais. "Ela torna possível acrescentar, unificar, diferenciar e corrigir a memória de seus membros, com o tempo ela é incorporada a cada membro permanecendo dentro deles" (Bosi, 1994, p. 28).

A ausência de informações, livros e documentos que abordassem o tema da pesquisa fizeram com que os relatos orais se tornassem a principal fonte metodológica. Foi somente por meio da memória que as questões a respeito das relações raciais, das identidades e da convivência entre esses dois grupos puderam ser respondidas.

Depois de feito o contato com cada entrevistado foi montado um roteiro de perguntas que serviria apenas para coordenar a entrevista. Esse roteiro continha a ficha do entrevistado, composta por dados pessoais: nome, idade, descendência (os entrevistados brancos caracterizavam-se por serem filhos/netos de imigrantes e o grupo negro caracterizava-se por serem filhos de brasileiros negros), cor (conforme o entrevistado se caracterizava e o grupo o via), estado civil, escolaridade; e questões a respeito da ferrovia: como começou a trabalhar na ferrovia, qual era a

relação dele com os outros trabalhadores, a existência ou não de discriminação.

Os momentos que antecederam as entrevistas também foram de suma importância. Foi necessária uma preparação particularmente cuidadosa de como as perguntas seriam feitas. Em todas as entrevistas tentei fazer as perguntas da melhor maneira possível, escolhendo as palavras, ordenando as perguntas, dando destaque a alguns pontos e deixando principalmente a entrevista fluir; apenas orientando quando necessário.

Logo a seguir, apresentam-se quadros, um dos trabalhadores brancos, outro dos trabalhadores negros entrevistados. Nestes quadros estão os nomes dos entrevistados, a idade, ano que entraram na Companhia Paulista e mais algumas informações pertinentes. Os nomes dos entrevistados foram trocados para evitar possíveis constrangimentos.

Tabela 1: Dados dos Entrevistados Brancos

Nome	Ano de nascimento	Cor	Período em que trabalhou	Cargo quando entrou	Cargo quando saiu	Escolaridade
Adelton	1927	Branco	1947-1977	Limpador de máquina	Maquinista de trem de passageiro	4ª série do ensino fundamental
Alessandro	1925	Branco	1951-1981	Trabalhador da via permanente	Auxiliar de chefe de estação	2ª série do ensino fundamental
Ângelo	1906	Branco	1927-1964	Trabalhador do armazém	Inspetor de locomotiva elétrica	3ª série do ensino fundamental

Armando	1925	Branco	1946-1975	Auxiliar de escritório	Maquinista de trem de passageiro	3ª série do ensino fundamental
Flávio	1924	Branco	1944 - 1976	Limpador de máquina	Maquinista de trem de passageiro	4ª série do ensino fundamental
Frederico	1925	Branco	1947-1977	Limpador de máquina	Ajudante de torneiro mecânico	1ª série do ensino fundamental
Mario	1922	Branco	1939-1967	Trabalhador da limpeza no depósito	Inspetor do depósito	Ensino médio completo
Nelson	1925	Branco	1950-1975	Ajudante de torneiro mecânico	Torneiro mecânico	4ª série do ensino fundamental
Pedro	1929	Branco	1949-1978	Praticante de trem de carga	Inspetor de trem de carga	4ª série do ensino fundamental
Reginaldo	1918	Branco	1945-1968	Lenheiro	Ajudante de torneiro mecânico	Analfabeto

Tabela 2: Dados dos Entrevistados Negros

Nome	Ano de nascimento	Cor	Período que trabalhou	Cargo quando entrou	Cargo quando saiu	Escolaridade
Adriano	1943	Negro	1960-1993	Trabalhador na manutenção de sinais	Técnico da subestação	Ensino fundamental completo e curso técnico

Daniel	1927	Negro	1953-1980	Manobrador	Auxiliar de chefe de estação	4ª série do ensino fundamental
Edson	1944	Negro	1960-1995	Auxiliar de chefe de estação	Chefe de estação	4ª série do ensino fundamental
Felipe	1926	Negro	1944 -1977	Praticante de trem de carga	Chefe de trem de carga	Ensino fundamental completo
Fernando	1922	Negro	1951-1976	Praticante de trem de carga	Chefe de trem de carga	2ª série do ensino fundamental
Gustavo	1918	Negro	1943-1974	Lenheiro	Trabalhador da limpeza na subestação	analfabeto
Luis	1932	Negro	1960-1986	Manobrador	Trabalhador da limpeza na estação	analfabeto
Marcelo	1931	Negro	1955-1982	Limpador de máquina	Ajudante de maquinista de trem de carga	4ª série do ensino fundamental
Marcos	1930	Negro	1949-1979	Torneiro mecânico	Gerente geral da engenharia	Ensino médio completo e curso técnico
Rafael	1930	Negro	1955-1981	Torneiro mecânico	Chefe do depósito	Ensino médio completo e curso técnico

Ser um bom pesquisador para Silva (1992) inclui deixar crescer o conhecimento dentro de si, a emoção, o amor ao trabalho que está desenvolvendo e a identificação com isso. "É a admissão de que o homem não se enxerga sozinho. E que ele precisa do outro como seu espelho e guia" (Da Matta, 1975, p. 35). A pesquisa é a arte da garimpagem e o pesquisador assemelha-se a um artista.

De maneira geral posso dizer que todas as entrevistas foram bem sucedidas. Muitos entrevistados diziam que não tinham nada de útil para me contar, o que me remeteu ao que Thompson (1992) diz no seu livro *A voz do passado: história oral*. Então, seguindo os conselhos do autor, tentei reafirmar que as experiências que cada um possuía eram preciosas, desconhecidas e fundamentais para se construir a verdadeira história das relações entre brancos e negros na Companhia Paulista de Estrada de Ferro.

As reflexões sobre memória e a concepção de história de W. Benjamin (1987) também foram fundamentais na reafirmação da importância das lembranças dos entrevistados. Para esse autor "o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história" (Benjamin, 1987, p. 223).

O modo de lembrar é tanto individual quanto social. O grupo transmite, retém e reforça as lembranças. "Mas o entrevistado, ao trabalhá-las, vai lentamente individualizando a memória comunitária e, sobre o que lembra e como lembra, faz com que fique somente o que tem significado para ele" (Bosi, 1994, p. 31). Assim, a memória do indivíduo depende de seus relacionamentos com a família, com a classe social, com a profissão; enfim com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo.

Ser ferroviário no Brasil dessa época significava ter uma profissão privilegiada. Todos os entrevistados tinham orgulho disso e diziam que

as pessoas os tratavam com muito respeito e prestígio, eles sempre comentavam que possuíam crédito na cidade em vários estabelecimentos comerciais devido à profissão que tinham. Como sabemos somos formados por várias identidades e muitas vezes a identidade do trabalhador ferroviário era mais perceptível do que a identidade étnica e racial. Isso me exigiu um laço forte de aproximação com os entrevistados para que eles pudessem realmente falar a respeito das questões que me interessavam. No grupo dos entrevistados brancos certamente a identidade de trabalhador ferroviário era mais afluída. Nos trabalhadores negros isso se misturava com o que Pollak (1989) chama de memória subterrânea e indizível que só conseguiu ser diminuída com a aproximação do pesquisador e do pesquisado.

O silêncio, a respeito de certas questões raciais, se fez, de certa forma para permitir a convivência entre os trabalhadores brancos e negros. Isso demonstra que o trabalho da memória também está associado à organização social da vida. Os relatos fazem-se ligados às relações de poder. Assim fica-se difícil romper as barreiras formadas pelas relações de classe, gênero, etnia e raça prevalecente em uma sociedade. Essas relações inserem-se nos corpos das pessoas, definem seus habitus e compõem suas identidades.

RACISMO COTIDIANO: TRABALHO, LAZER E A VIDA ASSOCIATIVA NA “FAMÍLIA FERROVIÁRIA”

Esta parte do trabalho está dividida pelos temas mais presentes nas entrevistas: as relações no trabalho; o lazer, a convivência e o tempo.

As relações no trabalho

As representações são constitutivas da memória. Para Halbwachs (1990), toda idéia social é uma lembrança da sociedade e o pensamento social é essencialmente memória. Em seu livro de *A memória Coletiva* é dito: "não podemos pensar em nada, não podemos pensar em nós mesmos, senão pelos outros e para os outros..." (Halbwachs, 1990, p.21)

As entrevistas demonstram claramente que tais representações constitutivas da memória estão também relacionadas às questões de desigualdades raciais e construção de identidades. Um exemplo é a entrevista do senhor Flávio (branco):

O serviço era para aquele que tinha mesmo vontade e veja bem, o negro queira ou não queira, ele é mais forte que o branco, nisso eu me curvo, porque eu reconheço que o negro é mais forte que o branco. Então, para fazer aquele trabalho ele era excelente.

No imaginário das pessoas entrevistadas ainda prevalecia a idéia de que o negro servia para serviços braçais, que exigem força física. Como se os negros fossem incapazes de exercer outro tipo de serviço. A maioria dos depoimentos demonstra que os negros ocupavam os cargos mais subalternos na ferrovia, como o serviço da via permanente, que se caracterizava como trabalho pesado, de carregar dormente e socar trilho. Na visão de Hasenbalg (1979) esta integração do negro que ocorreu de uma forma subordinada criou uma situação de desvantagens que tendia a reforçar o preconceito e a discriminação.

Uma outra justificativa que se dava, além da força física, era que os negros não tinham oportunidades de estudo; por isso tinham que se sujeitar ao trabalho braçal. Segundo o depoimento do senhor Adeilton (branco) havia poucos negros trabalhando como maquinista. Na opinião dele isso ocorria porque:

No meu tempo, não tinha muito negro não. Tinha pouco. Maquinista tinha pouco, manobrador tinha mais ou menos. Trabalhador da via permanente tinha. Tinha chefe de Estação, mas bem pouco, a maioria é sempre branco. Eu acredito que agora que a classe negra está se desenvolvendo, porque, na minha época, o negro não estudava. Para você entrar na Paulista você tinha que fazer um exame escrito e muitos podiam até ter vontade, mas não passavam no exame. Por isso que os negros eram discriminados, não era discriminação da estrada daquele tempo, mas era que eles não tinham acesso à escola, era discriminação daquele tempo.

Guimarães (2002b) diz que a perpetuação do racismo no Brasil se dá por formas de restrições fatuais de cidadania impondo distâncias sociais que englobam entre outros fatores a educação. Para alguns entrevistados, a falta de estudo justificava a discriminação que os negros enfrentavam quando tentavam subir de cargo na Companhia Paulista. Porém o quadro que demonstra quem são os trabalhadores negros entrevistados traz o indicativo de que a maioria dos negros possuía estudo, contradizendo Guimarães e também os próprios entrevistados.

Tanto os trabalhadores brancos, quanto os trabalhadores negros em seus depoimentos têm a idéia de que os negros ocupavam os cargos mais subalternos na ferrovia. Mesmo a pesquisa não possuindo dados estatísticos a percepção de que os trabalhos braçais eram exercidos mais pelos negros está presente nos dois grupos como demonstram os depoimentos.

Uma imagem estereotipada do negro é o que aparece na maioria das falas, esta imagem socialmente elaborada no passado, no tempo da escravidão, afirma que o negro servia para o trabalho pesado. A entrevista do senhor Gustavo (negro) nos demonstra -nos que, além dos negros trabalharem na maioria das vezes em serviços pesados, em que eram maltratados, eles também eram retirados dos seus postos para trabalhar na casa dos oficiais como empregados.

P: Havia negros trabalhando na ferrovia?

R: Tinha preto sim. A maior parte trabalhava na manobra, engatando trem, porque preconceito existe sim, não tinha dúvida, sempre existiu. Outros trabalhavam na sacaria, pegando cento e oitenta quilos, às vezes. Os pretos trabalhavam na manobra, na baldeação e no lenheiro que era perigoso até perder os dentes.

P: Como os negros eram tratados?

R: Com diferença, até hoje tem diferença entre brancos e negros. Porque quando você estava lá eles conversavam, a aí foi para a rua, passam do seu lado e nem olha na sua cara, se estava com um branco nem conhecia você. E isso é preconceito, mas eu sempre tratava bem os que me tratavam bem, os que me davam bola eu considerava. Teve muito deles que precisou de mim para pedir dinheiro, os que mais me procuravam eram os que faziam pouco caso de mim. Quando você estava com uma roupa ruim, uma calça meio velha, como está que eu estou, eles viam você e dava um jeito de fugir, se você não estivesse com traje de passeio. Se tivesse cinco ou seis pessoas e tinha um preto no meio, eles não conversavam com o preto, se o preto falasse algo eles não respondiam. Lá no serviço eles não conversavam com a gente direito e tudo isso me ensinou a viver no mundo, eu notei que ensinou. Depois eu tinha que aprender era solução!

(silêncio)

Ab,... os brancos faziam diferença. Havia preconceito, havia diferença. Os patrões faziam menos, porque eles precisavam dos trabalhadores, mas, se era um mais ou menos já fazia diferença. Um exemplo: se fosse serviço de lenheiro e tinha dar lenha para a máquina, sempre tinha um que não gostava de preto, esse pegava o preto para judiar. O branco pegava os troncos mais pesados e jogava de qualquer jeito para o preto, ele não conseguia pegar e caía nele, então, ele machucava. Tinha muito branco que gostava de ver sangue correr no preto, sabiam que machucava, mas eles faziam isso para judiar, principalmente os pretos. Eles colocavam os pretos em uma posição na fila da lenha ruim e iam jogando a lenha bem rápido e você não tinha tempo, se era pau grosso era diferente, mas eles não paravam, se

fosse gente da laia deles, eles davam o pau na mão. Eles queriam mesmo era judiar, pegava pau pesado e jogava para você não conseguir pegar, eles soltavam para cair no seu pé e você se machucar.

Eu sofri preconceito sim, não vou negar. Só no escritório que eu não sofri, tinha umas moças que tinham uma certa instrução e me tratavam bem... Era, sim senhor, não senhor, eu me sentia até acanhado do jeito que me tratavam no escritório. Mas, na parte da oficina, no depósito tinha preconceito. Os brancos tinham medo que você pegasse o lugar de um oficial. Quando era para subir de cargo na ferrovia, os chefes já telefonavam para Jundiaí ou Campinas para dizer o nome de quem deveria subir, ia indicado na ficha do funcionário e eles davam cobertura. Os brancos tinham inveja, raiva. Os pretos, não, eles falavam: Olha negão! Anda direito! Nós somos igual tinta no papel branco, mancha por qualquer coisa. Os meus colegas me falavam isso para mim, porque eu sempre estava na casa dos oficiais trabalhando como empregado.

P: *Quem mais sofria preconceito?*

R: *Os maquinistas pretos também sofriam. A gente via, porque, eu ia levar a correspondência do escritório na estação e percia. O preconceito é uma coisa que... não sei... As escalas dos maquinistas vinham prontas da repartição da superintendência, se tinha tantos trens de carga, eles viam qual era o trem mais encardido e dava para um maquinista preto e ele tinha que ir. Eles não colocavam guarda de trem preto em trem de passageiro, no passageiro não punha. Quem tinha parente no escritório era beneficiado na Paulista, ele fazia exame, mas já era indicado. Quem passava era quem tinha parente na superintendência, nem que fosse menos capacitado, mas, era bem bonito, cabelinho alvo, louro, filho do senhor fulano de tal...*

P-: *Quem era que ia de guarda trem nos carros melhores?*

R: *Eram os brancos. De todos os trinta e um anos que eu trabalhei na ferrovia eu posso contar os guarda trens pretos de carro de passageiro. Eu posso contar. Nenhum foi a inspetor, a supervisor, a nada. E inspetor que houve, todos eram brancos.*

Não conheci um preto. Eu conheço tudo isso aí. Alguns pretos que subiram foi à custa de muito serviço. Nas estações grandes eles queriam apresentar os brancos, os bacanas. Teve um chefe de depósito, o J. C., que era terrível, ele não gostava de preto. Eu graças a Deus não tive inimigo branco, acho que não tinha uma pessoa que não ia com a minha cara. Eu tinha amizade com todos, mas eu era mais amigo dos pretos.

P: *E como eram tratados os descendentes de imigrantes?*

R: *Tinha uns que eram malcriados, tinha um calabrés, ele xingava e tudo. Eu respondia para ele. Tinha uns descendentes que faziam diferença, sim. Eu nunca briguei, podia xingar, falar o nome que quisesse, inventar o que quiser. Eu não sei brigar, não sei ficar de cara feia com ninguém, acho que por isso que me dei bem. Nenhum preto chegou a brigar, deixava sempre passar.*

Este depoimento caracteriza como os negros eram tratados em vários setores da Companhia Paulista e até mesmo como se dava o “apadrinhamento” para subir de cargo. É interessante notar que este entrevistado diz que se sentia “acanhado” por ser bem tratado pelos colegas quando trabalhava no escritório. O fato de ele ter iniciado sua carreira na Companhia Paulista como lenheiro e ter enfrentado as dificuldades deste setor, no qual os negros, segundo ele, eram maltratados, fez com surgisse nele este sentimento de vergonha quando era tratado com respeito e dignidade.

O depoimento do senhor Gustavo (negro) é marcado por vários trechos em que está presente a discriminação, o preconceito e o estigma. Quando ele diz que tinha que aprender a viver naquele meio, “era a solução”, ou que os negros não brigavam, “deixava sempre passar”, como se não houvesse nada a fazer, ele nos remete às idéias de Bourdieu, da internalização e naturalização das divisões (arbitrárias) do mundo social e das relações dos indivíduos com o tempo e a identidade no qual “as coisas a fazer se definem na relação entre a estrutura das esperanças ou das

expectativas constitutivas de um *habitus*” (Bourdieu, 2001, p.258). Por mais que os negros percebessem o preconceito e a discriminação, ao que parece, eles tendiam a ajustar suas expectativas às suas chances reais porque sentiam que não podiam mudar a situação.

Goffman (1982) também aborda este tema afirmando que a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas e tais atributos (categorias) passam a ser considerados como comuns e naturais.

No depoimento do senhor Gustavo (negro) também é possível a reafirmação de que os negros trabalhavam em serviços menos privilegiados. Para Andrews (1998) o intervalo de mais ou menos trinta anos no uso de mão-de-obra negra, como já foi colocado no capítulo anterior, fez com que, quando este trabalhador voltasse ao mercado de trabalho, ele tivesse que ocupar os cargos mais subalternos. Este intervalo, segundo o autor, ajudou a reforçar suposições raciais relacionadas aos negros.

O senhor Marcelo (negro) fala a respeito da perseguição que sofreu na Paulista e também da discriminação.

P: Como era trabalhar na Paulista para o senhor?

R: Eu fui perseguido por uns chefes, não sei por que eles não gostavam de mim, em outras divisões também tinha um pouco disso quando era para subir de cargo. Sobre discriminação não teve...O que teve foi pouca coisa, discriminação de todo dia, você sabe! Teve alguns casos muito rígidos na Paulista, como o do ajudante preto que foi afastado por três anos, mas já passou.

Hasenbalg (1979) afirma que a reação dos negros de negação, de não reconhecer a existência da discriminação e até mesmo de não enfrentá-la faz com que seja mais difícil a mudança das manifestações e práticas discriminatórias. O depoimento do senhor Marcelo (negro) é consistente com as idéias de Hasenbalg (1979), pois este entrevistado diz que houve pouca discriminação na Paulista e, o que houve, como ele mesmo diz, “já passou”.

É interessante colocar uma passagem da entrevista do senhor Luis (negro) em que ele fala de como os negros, trabalhadores da soca, tratavam um trabalhador branco, quando este entrava no setor que eles consideravam deles:

Só os pretos que trabalhavam mais na soca e no regulador, hoje fala Ceagesp. Não que a gente vai falar, mas a pessoa de cor tem mais resistência. Pessoa de cor é melhor para serviço pesado e lá era só gente preta que trabalhava. Branco não agüentava trabalhar, lá não. Quando entrava um branco, os pretos faziam tudo para ele sair. Os pretos deixavam ele trabalhar até na hora do almoço, depois judiavam dele para ele pedir as contas e ir embora. O dinheiro que o branco tinha ganhado até a hora do almoço, os pretos pegavam para beber pinga. Eles diziam que faziam isso, porque os brancos maltratavam gente de cor, eram preconceituosos e que lá na Ceagesp quem mandava eram eles. Eles faziam isso para se vingar do racismo.

A pessoa de cor sempre foi discriminada, até hoje é assim, o preto pode ser bom, mas, ninguém acredita. É assim mesmo. A pessoa em uma fábrica, que precisa de quatro empregados e tem cinco candidatos para o cargo, quatro são brancos e um é negro, os que vão ser contratados são os brancos, pode apostar.

Neste depoimento o senhor Luis deixa bem claro que existiam certos "guetos" nos quais a presença dos negros como trabalhador era marcante e, por considerar como seus estes lugares, os negros não admitiam a presença do trabalhador branco.

Ao privilegiar as lembranças de velhos ferroviários, dando-lhes voz, por meio da história oral, também é privilegiada a interpretação do imaginário e a análise das representações sociais. A história oral fornece a possibilidade de se refletir sobre o registro de fatos na voz dos próprios atores em questão. A imagem que se tinha do negro que trabalhava como subordinado do branco era de dócil, humilde, bonzinho, como se fosse alguém que precisasse sempre de cuidados. Como demonstra o depoimento do senhor Mário (branco).

No meu tempo em Tabatinga não tinha negro. Tinha só um maquinista negro, quer dizer era uma classe, mas era outro setor, ele se aposentou como maquinista, não subiu mais. Tinha outros pretos, eram subordinados, mas gente boa. No depósito eu tinha um preto, que pertenceu a antiga Donradense, ele era considerado um indivíduo assim...meio fraco da coisa. No depósito eu o usava na limpeza, mas ele era meio humilde, sabe? Eu dava uns serviços para ele. Os negros que eu me lembro não eram de se destacar, mas eram pessoas boas.

É possível perceber como a idéia do negro “bonzinho” era comum a quase todos os chefes que tinham subalternos negros. Reforçando a idéia de que o negro tinha que ser submisso e obediente, eles, por sua vez, repetiam as velhas práticas de padrão das relações raciais.

A memória de um pode ser a memória de muitos. Portanto, a memória coletiva é social, ou seja, quem lembra são os indivíduos que estão inseridos em grupos. Nas falas das entrevistas realizadas com o grupo branco o preconceito não aparece na ferrovia, para eles isso não ocorria, ou porque, segundo eles, os negros que trabalhavam lá eram “bons”, ou pela informalidade das relações sociais, que se caracterizava como algo sem intenção e de brincadeira. Segundo eles isso não existia:

Mas, sobre discriminação racial, coisas desse tipo, eu mesmo trabalhei com muito maquinista preto, ajudante preto e não vi isso (Adeilton, branco).

Para o senhor Pedro (branco), o preconceito também não existia, o que ocorria era só de brincadeira, pelo menos no setor em que ele trabalhava, mas nos outros setores havia discriminação.

P: O senhor ouviu falar de discriminação com os trabalhadores da ferrovia?

R: Esse Felipe que você foi a casa dele é preto, não é? (risos). No nosso serviço de trem não tinha preconceito, nós brincávamos com os negões que tinham, sabe? Aquelas brincadeiras de chamar e tal! Eram aquelas brincadeiras de chamar de negão,

dizer que quando não faz na entrada, faz na saída, esse tipo. Mas, nos outros setores tinha muito preconceito. Com os maquinistas, trabalhadores, porque essa raça é terrível, você sabe. Na soca, por exemplo, se o mestre de linha era preto, ou o feitor era preto, hummm, os empregados subalternos tinha raiva de ser mandado por pretos.

P: *O que eles faziam?*

R: *Falava que não gostava daquela raça. Mas tinha que obedecer aos pretos, porque eles eram os feitores. Essas pessoas quando pega um cargo eles querem mandar, querem aparecer. Você pode ver, se tem um negão mandando ele não gosta do branco, nem a raça dele ele aprecia. Essa raça sempre foi discriminada. Se você está conversando com dois pretos, se você chega para conversar mais, eles viram e começam a conversar entre eles. Sacanagem com você, eles fazem sacanagem com a gente.*

Para Guimarães (2002b) estas formas de preconceito, quase sempre encobertas, se perpetuam devido à informalidade das relações raciais no Brasil. A fala do senhor Pedro (branco) demonstra claramente esses comportamentos verbais e condutas ofensivas. Mesmo tratando-se de manifestações, às vezes sem intenção, de brincadeira, certamente, segundo Guimarães (2002b), há conseqüências sobre os atingidos.

O LAZER, A CONVIVÊNCIA E O TEMPO

A maioria das relações fora do trabalho era restrita. Segundo o senhor Reginaldo (branco), eles não se misturavam muito; a relação que existia era apenas no ambiente de trabalho.

Não havia preconceito, na minha opinião; eles, os pretos, não se misturavam muito de ir à nossa casa.

O senhor Daniel (negro) fala da relação que existia entre os trabalhadores fora da ferrovia, dizendo que muitos não se cumprimentavam lá fora.

P: *Uns freqüentavam as casas dos outros?*

R: *Não. A gente nem tinha tempo também.*

P: *Como era a relação dos trabalhadores fora da ferrovia?*

R: *Tinha uns que lá dentro conversava com você e lá fora nem cumprimentava. Tinha uns que lá precisavam de você e fora nem olhava na sua cara, na rua ele fingia que não o conhecia.*

O senhor Pedro (negro) diz que tinha muitos amigos na ferrovia, então eu lhe pergunto se ele pode me indicar algum negro para uma entrevista e ele diz:

P: *Tem algum negro que o senhor lembra que eu posso entrevistar?*

R: *Tem o A., mas ele é preto e preto mesmo, você sabe como é? Apesar de que os pretos que trabalharam na paulista eram pretos, mas eram bonzinhos. Os pretinhos como o C., o G. M. eram bonzinhos, ficavam na deles. Por isso que eu falo tem preto que é bom, vai ver que foi por isso que São Benedito virou santo. (risos).*

A memória individual e a memória coletiva não se opõem, elas se encontram imbricadas. A memória coletiva é formada a partir de laços de convivência, ela torna possível acrescentar, unificar, diferenciar e corrigir a memória de seus membros, com o tempo ela é incorporada a cada membro permanecendo dentro deles (Bosi, 1994).

Halbwachs (1990) apresenta a memória como uma construção social e demonstra como ela é estimulada a partir de referências sociais. Logo, a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno constituído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes.

Para o senhor Daniel (negro), antes, no tempo em que eles trabalhavam, havia preconceito e discriminação, hoje em dia isso mudou. Segundo ele, porque hoje as pessoas estão mais amadurecidas e também porque não precisam mais competir umas com as outras. Seu depoimento demonstra essa transformação.

P: Como os negros eram tratados?

R: (silêncio) uns bem, outros não tão bem, às vezes um perseguiu o outro até lá fora. Essas perseguições eram duras, para qualquer um que estava subindo, tinha sempre outro querendo prejudicar. Comigo aconteceu de ser prejudicado pelo próprio colega de trabalho, chefe de estação. Eles prejudicavam a gente para a gente não crescer dentro da Paulista. Era geralmente para a gente ficar lá em baixo, como escravo deles, fazendo todo serviço. Eles gostavam de mandar, então, quem fazia o serviço era quem estava em baixo. Acho que eles gostavam de ver a gente trabalhar bastante e procurava prejudicar para a gente não pegar uma posição maior.

P: Essas que tentavam prejudicar eram de que cor?

R: Eram brancos na maioria das vezes. Tinha algum negro que quando subia no poder queria prejudicar os outros, acho que era para descontar. Tinha um que morava aqui perto que me prejudicou muito, ele era branco. Tinha um... o Doutor V. que era terrível, preconceituoso, tratava mal os negros. Outro o R. era outra praga. Até promoção a gente perdia por causa desses aí.

P: O senhor acha que os negros perdiam promoção por serem negros?

R: Eu acho que uns sim. Tinha isso sim, porque, eu vi as perseguições que existiram entre os próprios colegas de trabalho.

P: E hoje como é a relação de vocês?

R: Nós temos contato quando um vê o outro. Muitos que eram meio para lá voltaram a ser amigo. Às vezes pára na rua e fica conversando o dia todo. Depois que nós nos aposentamos as pessoas mudaram, não precisaram fazer mais o que faziam antes. Tinha uns descendentes de imigrantes que eram privilegiados porque tinham uma língua diferente. Eles nem se misturavam com a gente, ficavam lá na chefia. Mesmo dentro dos grupos

havia preconceito com os negros. Hoje já estão todos de idade, mais amadurecidos, eles aprenderam a tratar melhor os outros. Mas tinha gente de todo jeito ali. Tinha aquele que conversava com você sempre com o pé atrás, mas já passou. Hoje eles mudaram.

Rememorar é um ato que acontece no presente e é provocado pelo presente; do passado retornam os acontecimentos que correspondem às preocupações atuais. Logo, os quadros sociais da memória se referem aos estímulos presentes que conduzem a rememoração e a localização no passado do que o presente suscitou. Os quadros da memória não se resumem a datas, eles representam correntes de pensamento e de experiências onde é reencontrado o passado conforme este foi atravessado por cada um.

As entrevistas mostram que as lembranças são transmitidas no quadro familiar, profissional, em associação, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política. Os quadros de rememorar ocorrem em resposta a um outro grupo. É enquanto membros de um grupo que cada um se apresenta. Os grupos com os quais se está em relação são os grupos que, mais do que outros, estruturam a memória. Os mais importantes desses grupos são a família, o grupo de amigos e o trabalho.

Mas, se certas lembranças não existem mais, estando essas esquecidas, é porque elas estavam em um sistema de relações que não se encontram mais no presente. O “compromisso” entre os quadros da memória e as lembranças acontece, mesmo quando há incompatibilidade entre os aspectos dessas lembranças e as relações atuais, posto que as relações que compõem os quadros são feitas de lembranças tanto quanto os acontecimentos, fatos ou pessoas lembradas. Isso leva a uma característica básica do passado reconstituído pela memória, o de ser sempre uma reconstrução, por mais detalhes que presente é sempre uma reconstrução feita a partir do presente (Mancuso, 1998).

Ao falar do preconceito, muitos entrevistados dizem que eles não são preconceituosos, mas dizem que os outros são, e usam a imagem do

outro para abordar essa questão. Hasenbalg (1979) explica que esta forma de comportamento do branco tem como objetivo evitar o conflito e mais ainda que quem discrimina, segundo este autor, não se vê como discriminador.

P: O senhor tinha amigos negros na ferrovia?

R: Eu tinha, até hoje tenho, desde quando eu era ajustador. Mas, muitos já morreram, porque, faz vinte e três anos que eu aposentei, eles eram muito velhos, mais velho do que eu e aposentaram antes que eu. A gente ia um na casa do outro no dia de festa.

P: E discriminação por parte dos imigrantes/descendentes como era?

R: Ali tinha muito, principalmente os calabreses. Eu não tinha preconceito, não fazia essas coisas, mas sempre tem quem faz. Tinha diversos que não gostavam de pretos. Mas a minha pessoa não fazia isso. Eu não era assim, vários brancos tinham preconceito, mas eu não lembro o nome (Frederico, branco).

Se é possível dizer que a memória é um fenômeno construído social e individualmente, pode-se também dizer que há uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Sendo esse sentimento de identidade a imagem de si, para si e para os outros, ou seja, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria. A imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida como quer pelos outros.

Segundo Poutignat & Streiff-Fenart (1997), a identidade se constrói a partir da diferença. Esta idéia implica que não é o isolamento que cria a consciência de pertença, mas, ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras. Assim, a identidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao

contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna saliente as identidades. Logo, não é a diferença cultural que está na origem da identidade, mas a comunicação cultural que permite estabelecer fronteiras entre os grupos por meios dos símbolos simultaneamente compreensíveis pelos que se sentem pertencer e os que não pertencem.

Identidade também pode ser entendida pela relação do indivíduo com a sociedade. É o valor de cada um, que instaura uma classificação. Toda classificação social se dá pela oposição simétrica ou distintiva. Assim, a identidade é uma construção social de homens vivendo em uma sociedade. Os negros, ao serem inquiridos a respeito de suas identidades, diziam:

P: O senhor se identificava como negro quando o senhor trabalhava na ferrovia?

R: Eu me identifico até hoje, isso não muda na vida (Adriano, negro).

O senhor Luis (negro) diz:

Preta, minha cor é preta. Eu não tenho vergonha de ser preto, eu me orgulho da minha cor. Mesmo sendo negro eu consegui consideração na minha vida.

CONCLUSÃO

Mesmo possuindo uma identidade ferroviária coletiva forte, mesmo sendo um grupo de trabalhadores que se diferenciavam dos outros trabalhadores da época pela organização sindical e as lutas trabalhistas, as entrevistas com os ferroviários evidenciaram que, quando são analisadas as interações face a face entre esses dois grupos, é possível perceber a presença do preconceito e da discriminação.

O preconceito estava presente, por exemplo, nas brincadeiras citadas pelo senhor Pedro (branco), ou na falação mencionada pelo senhor Gustavo (negro) a respeito do senhor Marcos (negro). A discriminação, por sua vez, pode ser evidenciada no fato de que ambos os entrevistados tinham a percepção de que quem conseguia subir de cargo na Companhia Paulista eram os brancos. Apesar de não haver dados estatísticos nesta pesquisa, ao que parece, este preconceito informal acabava por influenciar os chefes quando iam escolher quem deveria ser promovido.

Os entrevistados também afirmaram que os negros não subiam de cargo porque não tinham estudo e, assim, conseqüentemente, não passavam nos exames. Mas, qual seria a relação estabelecida com o grau de escolaridade em alguns cargos, ou seja, com o exercício da função de fato?

De acordo com ambos os entrevistados também, os negros ocupavam, na maioria das vezes, os trabalhos mais subalternos na Companhia Paulista o que vai ao encontro ao que Andrews (1998) diz a respeito do intervalo no uso da mão-de-obra negra (substituída pelo imigrante) no começo do século XX. Este intervalo privou os trabalhadores negros da experiência e renda do trabalho, assim, quando os negros retornaram, tiveram que ocupar os cargos mais subalternos o que ajudou a reforçar as suposições raciais a respeito dos negros e, conseqüentemente, o preconceito e a discriminação.

Ao demonstrar a divisão racial que acontecia nas posições que os negros ocupavam no ambiente de trabalho, as entrevistas evidenciaram que o desenvolvimento industrial e a tecnologia não provocaram o fim da desigualdade racial no país, contrariando as idéias de Florestan Fernandes (1978).

Os depoimentos são consistentes com as idéias de Hasenbalg (1979), quando os entrevistados dizem que o negro servia para o trabalho braçal. Segundo esse autor houve no Brasil uma tendência a desqualifi-

ficar os negros na competição pelas posições mais almejadas, o que fez com que estes trabalhadores fossem recrutados para posições inferiores no mercado de trabalho. A maioria dos entrevistados dizia que os negros ocupavam cargos subalternos porque não tinham estudo, mas, para Hasenbalg (1979) e Andrews (1998), reduzir as desigualdades raciais no Brasil a diferenças de educação é um equívoco, pois, quando se esgotam as variáveis de classe social (renda, escolaridade, etc), persiste um resíduo substantivo que só pode ser atribuído às desigualdades raciais.

Os negros, ao denunciarem em suas entrevistas o preconceito e discriminação mostraram que as desigualdades raciais ainda não acabaram e que, como disse o senhor Luis (negro) em sua entrevista; “A pessoa de cor sempre foi discriminada, até hoje é assim, o preto pode ser bom, mas, ninguém acredita. É assim mesmo.”

Como é possível perceber neste depoimento, o racismo continua até hoje fundamentando diferenças e constituindo uma hierarquia de classificações raciais, que podem fazer diferença para as pessoas quando relacionadas as suas oportunidades na vida.

Na visão de Guimarães (2002b), conforme já foi dito, o racismo no Brasil se perpetua por restrições fatuais de cidadania e isto pode ser notado nos depoimentos quando os entrevistados se referem ao modo de como ocorria a nomeação de trabalhadores negros para cargos superiores. Segundo os entrevistados, eram poucos os negros que chegavam a assumir cargos de supervisores e inspetores. Os “pretos, pretos de verdade trabalhavam na soca”, como disse o senhor Frederico (branco). Neste trecho percebemos que os direitos e o acesso a cargos melhores não eram estendidos a todos os trabalhadores e a justificativa disso não se pode resumir apenas a falta de estudo dos negros, visto que, segundo a tabela dos entrevistados negros, estes possuíam estudo em sua maioria.

Tanto Guimarães (2002b) como Hasenbalg (1979) afirmam que quem discrimina no Brasil não se identifica como discriminador, ou seja,

é o racismo do vizinho. Na maioria das entrevistas dos ferroviários brancos realmente é possível notar que os entrevistados diziam que não havia preconceito nem discriminação no setor em que trabalhavam e, quando falavam alguma coisa a respeito disso, diziam que era em outro setor.

Para estes dois autores, práticas preconceituosas e discriminatórias encobertas e pouco visíveis dificultam as possibilidades de mudanças. Tais práticas se perpetuam, na opinião dos autores, por meio da conjunção entre o senso de diferenciação e a informalidade das relações raciais. Isso torna permissíveis comportamentos verbais ofensivos como teve o senhor Pedro (branco) em sua entrevista já citada no corpo do trabalho.

Bourdieu (2001), Guimarães (2002b) e Goffman (1982) apresentam uma certa coesão em suas idéias, pois, para os três autores, as maneiras de ser dos indivíduos são decorrentes de uma internalização e naturalização das divisões arbitrárias do mundo social. Isso explicaria as diferenças sociais e a forma de como as pessoas sentem suas identidades, pois, elas estariam inscritas nos corpos. Estas idéias ajudam a compreender por que, mesmo os negros reconhecendo o preconceito, como demonstra os depoimentos, eles deixavam passar, como se nada pudesse ser feito para mudar a situação.

Bourdieu (2001, p 225) ainda afirma que: "a experiência do tempo se engendra entre o *habitus* e o mundo social, entre as disposições do ser e de fazer e as regularidades de um cosmos natural ou social". Assim, as expectativas de um indivíduo seriam produtos do *habitus*, e, desse modo, os indivíduos tenderiam a ajustar suas expectativas às suas possibilidades reais.

Assim, esta pesquisa demonstrou que o preconceito, baseado em estereótipos raciais negativos, ao que parece, emergiu como um dos motivos por trás da discriminação que os negros sofreram na Companhia Paulista. Os relatos orais, também evidenciaram a identidade como um processo que se constrói incorporando o passado, o presente e o senti-

mento de continuidade e coerência de uma pessoa, que se constrói de maneira contrastiva.

Portanto, como pretendia demonstrar, a análise das relações cotidiana das pessoas, neste caso de trabalhadores brancos e negros da Companhia Paulista, proporcionou o entendimento das relações interpessoais entre estes trabalhadores e dentro disto, as formas de preconceito, discriminação e a construção de identidades.

Abstract: This article is fruit of my master's degree dissertation that has as theme the study of the relationship between white and black employees of the Companhia Paulista de Estrada de Ferro between 1930 and 1961. The aim of this research is to understand the racial relations between these two groups, how they formed their identity in everyday work and the forms of racial discriminations. To realise this research, twenty retired laborers of Companhia Paulista who live in São Carlos were interviewed.

Keywords: memory, identity, racial discriminations, laborers of railway.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDREWS, G. R.. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Tradução de Magda Lopes, Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998.
- BENJAMIM, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamim, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 3ª Edição, 1987.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1994.
- BOURDIEU, P. *Meditações Pascalianas*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.
- DA MATTA, R. “O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues.” In: Nunes, E. de O. (org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978. p.23-35.
- FERNANDES, F. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes/ Vol. 1*. São Paulo: Ática, 1978.

- FERNANDES, F. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes/ Vol. II. No limiar de uma nova era*. São Paulo, Editora Dominus – Editora da USP, 1965.
- FERREIRA, L. S. *O racismo na família ferroviária: brancos e negros na Companhia Paulista em São Carlos*. São Carlos, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Educação em Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.
- GOFFMAN, E. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1995.
- GUIMARÃES, A. S. A. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo, Editora 34, 2002a.
- GUIMARÃES, A. S. A. *Racismo e anti racismo no Brasil*. São Paulo, Editora 34, 2002b.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HASENBALG, C. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MONSMA, K. Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no oeste paulista, 1888-1914. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, VII, 2004, Pelotas. *Anais...Pelotas, 2004.* "não pág."
- POLLAK, M. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, N. 10, 1992, p. 200-212.
- POLLAK, M. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, N. 3. 1989. p.3-15.
- POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J.. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo, Editora Unesp, 1997.
- QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível", In: SIMON, O. de M. V. (org.) *Experimentos com história de vida: Itália – Brasil*. São Paulo, Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988. p. 14-43.
- SILVA, M. A. M. (org.) *Cadernos de Campo – Programa de Pós Graduação em Sociologia, FCL Unesp/Araraquara*. Ano 1, nº 1, 1992.

